

**PAPEIS DE GÊNERO E SEUS IMAGINÁRIOS POR CLARICE LISPECTOR NA IMPRENSA DE 1959-1960**José Carlos dos Santos  
Kaona Sopelsa

**Resumo:** Este artigo discute as representações de gênero em textos editoriais de jornais, de autoria de Clarice Lispector, veiculados pela imprensa paulista no período entre 1959 e 1960, momento histórico de ascensão da classe média, de crescimento urbano, expansão trabalhista e de industrialização, que impactou profundamente nos papéis sociais de mulheres e homens da época. Este contexto foi o principal fomentador da produção literária de Clarice Lispector. Publicados no *Correio da Manhã*, os textos tinham como alvo a mulher adulta, sua sensibilidade, sua beleza e seus papéis no espaço social, em um imaginário que pendula entre a sedução e a virtuosidade e a modernidade e o conservadorismo.

**Palavras-chave:** Gênero, polissemia, micro história, direitos sociais.

**Papeles de género y sus imaginarios por Clarice Lispector en la prensa de 1959-1960**

**Resumen:** Este artículo discute las representaciones de género en textos editoriales de periódicos, de autoría de Clarice Lispector, transmitidos por la prensa paulista en el período entre 1959 y 1960, momento histórico de ascenso de la clase media, de crecimiento urbano, expansión laboral y de industrialización, que impactó profundamente en los papeles sociales de mujeres y hombres de la época. Este contexto fue el principal fomentador de la producción literaria de Clarice Lispector. Los textos, publicados en *Correio da Manhã*, tenían como objetivo a la mujer adulta, su sensibilidad, su belleza y sus papeles en el espacio social, en un imaginario que oscila entre la seducción y la virtuosidad y la modernidad y el conservadurismo.

**Palabras clave:** Género, polissemia, micro historia, derechos sociales.

**Gender papers and its imaginaries by Clarice Lispector in the press of 1959-1960**

**Abstract:** This article discusses the gender representations in newspaper editorials by Clarice Lispector, published by the São Paulo press in the period between 1959 and 1960, a historical moment of the rise of the middle class, of urban growth, labor expansion and industrialization, which profoundly impacted the social roles of women and men of the time. This context was the main promoter of the literary production of Clarice Lispector. Published in *Correio da Manhã*, the texts aimed at adult women, their sensibility, their beauty and their roles in social space, in an imaginary that oscillate between seduction and virtuosity and modernity and conservatism.

**Keywords:** Gender, polysemy, micro history, social rights.

**Introdução**

A produção bibliográfica sobre Clarice Lispector traz à tona uma massa literária deixada como legado e ainda desconhecida do grande público presente na imprensa nacional e internacional, sobre sua escrita, para jornais e revistas, sobre temas heterogêneos, mas profundamente marcados por um período no qual, segundo Rago (1991), estava em jogo o debate sobre os direitos de cidadania na sociedade brasileira.

Reunimos, neste artigo, alguns fragmentos produzidos por Clarice Lispector, para o *Jornal Correio da Manhã*, entre os anos de 1959 e 1960. Período que demarca o retorno da escritora para o Brasil, depois de viver alguns anos nos Estados Unidos ao lado do marido – o diplomata Mauri Gurgel Valente – e após o fim desse relacionamento.

Os modos de redigir e de se direcionar a um público feminino, de elite, são aqui apresentados como dispositivos de um discurso normativo, vivenciado pela autora, que delimita um campo simbólico de significados e funções sociais dos universos femininos e masculinos, distintos entre si,

apresentando o casamento como uma instituição capaz auxiliar o Estado e a Igreja em sua normatividade.

A civilidade, a legislação trabalhista e a moral religiosa, são cimentadas por um saber científico que discrimina os corpos e baliza a sua “natureza”. Confinando, por exemplo, que casar era transformar homens em pais-provedores e mulheres em esposas-mães (RAGO, 1991).

Os papéis de gênero apresentados são construídos com base em estereótipos, modelos incorporados e vinculados pelo discurso midiático, que reproduz desigualdades sexuais e conservadorismo. Inserindo a mulher em funções domésticas e privativas, em um invólucro de maternidade. Rotulando-a como submissa, sendo seu corpo e sua aparência, ditados a partir de escolhas masculinas; que findam por se cristalizar como “naturais”, a partir da repetição.

A questão relevante a ser respondida pela releitura dos textos de Clarice Lispector é: como a autora se posiciona acerca dos papeis sociais de gênero, do comportamento e da personalidade das mulheres, no período aqui sugerido?

Aos revisitarmos os textos publicados nos editoriais, da época, encontramos a possibilidade de conhecer um outro lado da escritora Clarice Lispector, que nos mostra sua vivência pessoal de mulher, mãe e jornalista, atuante em um campo profissional de domínio masculino.

### **O tempo da autora**

Segundo estudos historiográficos (GOHN,1999; PINSKY, 2012), no início do século XX, o Brasil assistiu à ascensão da classe média, momento este, em que ocorria o crescimento urbano e a industrialização, acarretando no acesso a informação, ao lazer e ao consumo, em função do imaginário social, e do ordenamento político e econômico envolto na consolidação do Estado Nacional.

De modo geral, este contexto é definido como um período histórico do Brasil, em que, de acordo com Pochmann (2001) e Ramalho e Santana (2003), as forças sociais apontavam para a disciplinarização produtivista, impactando, especialmente, na organização familiar e na questão das relações de subsistência, e por embate, vieram à tona, outras questões como a manutenção da casa, dos filhos, do modelo familiar e das relações afetivas entre homem e mulher.

O período após a Segunda Guerra Mundial, possibilitou, para ambos os gêneros, educação e trabalho profissional, conforme afirma Mello:

Os mais velhos lembram-se muito bem, mas os mais moços podem acreditar: entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. Esse alegre otimismo, só contrariado em alguns rápidos momentos, foi mudando a sua forma. Na década dos 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizava como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância. Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham ritmo acelerado (MELLO, 1998, p. 561).

Em uma perspectiva de renascimento nacional, desenvolvimento populacional, potencialização da industrialização, aumento no ritmo de vida, a reconstrução mundial abriu um novo cenário para inclusão das mulheres nas diversas profissões, cuja demanda atendia a esta necessidade. Considerando este imaginário de contexto nacional, afirma Rosenberg (2001) que a educação das mulheres é fato recente e intenso. Ou seja, acabada a guerra, caberia às mulheres o retorno ao tradicionalismo social anterior, que era sustentado pelo discurso de que as mulheres deveriam ser educadas, pois viriam a ser “educadoras de homens”, necessários à nação.

Neste outro investimento do imaginário<sup>1</sup> nacional, alguns mitos serão retomados. Um destes grandes mitos afirmava que a sociedade brasileira do período possuía uma identidade<sup>2</sup> em que mulheres deveriam ter uma educação mais restrita em razão de sua saúde frágil, inteligência limitada e missão feminina de mãe, o que as impossibilitaria de continuar os estudos (RAGO, 1991). Este conjunto de ideias convergia para afirmação de que a finalidade principal para a mulher era o casamento e a maternidade. É importante notar que se este mito era propalado, como constituidor da identidade nacional, ele repercutia em outros setores culturais e científicos deste período.

É nesta distensão que encontramos uma certa concepção higienista que impacta diretamente com as relações de gênero. As ideias cultivadas a partir da concepção higiênica de contrato conjugal, na perspectiva de Costa (2004), em “Ordem médica e norma familiar” era de que,

Do ponto de vista dos higienistas, a independência da mulher não podia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e ideias [sic] que reforçassem a imagem da mulher-mãe. A mulher intelectual dava mal exemplo às outras mulheres. Obrigava-as a ver e quem sabe a acreditar, que podiam substituir por iniciativa própria, sem concurso dos maridos. Emancipada intelectual e profissionalmente, a mulher comprometia o pacto machista firmado entre a higiene e o homem. A mulher que trabalhava punha em risco os termos do acordo. Tornava-se economicamente liberada do marido e intelectualmente equiparada ao homem. Sobre ela o machista não tinha o mesmo poder e a mesma ascendência. Sem a inferioridade da mulher o machismo perderia parte de seu sentido (COSTA, 2004, p. 160).

Deduz-se, que havia uma convergência ente a forma de compreensão dos papéis sociais da mulher e a ciência na promoção de uma hierarquia imposta sobre as mulheres, ressaltando sua fragilidade, feminilidade e maternidade. Na contramão do mesmo mito é que se reafirmam também os papéis masculinos e a sua sobreposição ao da mulher. Ciência e costumes passariam a falar de papéis sociais naturais de homens e mulheres.

Ciência e costumes, segundo Costa, são o cerne deste imaginário que impacta nas relações de gênero. Devido, justamente ao seu *status* no jogo das relações sociais, eles se distendem como micro poderes em outros setores da vida cotidiana.

---

<sup>1</sup> Imaginário significa o conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou de um grupo social; “é o depósito de imagens de memória e imaginação. Ele abarca todas as representações de uma sociedade [...] coletiva ou individual: as ideias sobre a morte, sobre o futuro, sobre o corpo. [...] O imaginário é parte do mundo real, do cotidiano, não é algo independente” (SILVA, 2012, p. 214).

<sup>2</sup> Identidade segundo Juremir Silva é “um sistema de representações que permite a construção do ‘eu’, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros. Tal sistema possui representações do passado, de condutas atuais e de projetos para o futuro. Da identidade pessoal, passamos para a identidade cultural, que seria a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos” (SILVA, 2012, p. 202).

Na publicidade direcionada ao público feminino, por exemplo, surgiram conhecimentos que auxiliavam estas mulheres a portarem-se como o esperado. Conforme Bassanezi, em *História das Mulheres no Brasil*:

E nada melhor que as revistas femininas do período para atuar como porta de entrada para o universo das “verdades absolutas”, das normas sociais e da “natureza” dos sexos [...]. Revela também os jogos de poder envolvidos nas relações entre homens e mulheres, os conflitos de gerações, os valores morais presentes entre as classes médias urbanas (BASSANEZI, 1996, p. 10).

Bassanezi se refere ao saber de imprensa e seu simbolismo para classe média de perfil vitoriano: a sociedade dos Cafés, da leitura, da vida privada e *status* social expressivo. É neste contexto que inserimos Clarice Lispector e a sua produção veiculada pela imprensa.

### **Clarice jornalista**

Clarice Lispector está inserida na identidade social e/ou cultural no momento em que esteve trabalhando para os jornais brasileiros. Este ambiente é perceptível tanto no ambiente privado quanto no público.

Considerando que a vida privada é definida em função da vida pública, a forma de entender as relações de gênero e a protagonista dos textos jornalísticos precisa ser considerado em função desta territorialidade e temporalidade. Assim explica Matos:

Sem dúvida, a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. [...] A categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados (MATOS, 2000, p. 16).

Portanto, quando o pesquisador se refere ao estudo das relações sociais entre homens e mulheres, é significativo que não exclua, de sua análise, o onde e o como tais relações ocorriam e de que forma essa situação interfere no conjunto das relações sociais, das definições e delimitações de espaços para os sexos, na qual todos os seres humanos são classificados em um sistema de acordo com valores e hierarquias sociais construídas. Tratando-se a fonte de concepções femininas expostas em colunas destinadas para este público, estas não estão desvinculadas, do espaço tempo, nem do convívio do feminino com o masculino. Elas fazem parte do mesmo meio social, cultural, assim como do mesmo espaço de tempo.

Bassanezi, ao tratar da especificidade da imprensa como fonte, também retrata esta importância. Segundo ela,

Resgatando, analisando e comparando os discursos destas revistas podemos ter uma ideia de como se delinearão as relações homem-mulher em seus diversos aspectos, que vão desde a preparação do “destino feminino” até a convivência entre o marido e a esposa, passando pelas expectativas e imposições sociais, pelas ideias de felicidade, por insatisfações e decepções, pelos jogos de poder articulados em forma de dominação/submissão, de resistência e de convivência e complementariedade (BASSANEZI, 1996, p. 12).

Este destaque de Bassanezi remete a registrar aqui os estudos de Simone de Beauvoir, no livro “O segundo sexo: a experiência vivida”, que retrata a mulher aprendendo sobre sua condição e sentimentos, desejosa de saber sobre quais evasões lhes eram permitidas, para alcançar a compreensão dos problemas impostos às mulheres que instigavam ou caminhavam para um novo futuro. E acrescenta ainda que “é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (BEAUVOIR, 1960, p. 9). Ou seja, o tempo e o espaço são elementos fundamentais para compreender as práticas criadas para interiorização ou para a tomada de consciência dos papéis sociais aos agentes que vivem cotidianamente os sentidos do imaginário social.

Clarice Lispector atuou na imprensa a partir de 1940, antes de lançar seu primeiro romance e escreveu para jornais e revistas<sup>3</sup> até 1977, ano de sua morte. Aparecida Maria Nunes (2006), na compilação “Clarice na cabeceira: jornalismo”, afirma a imprecisão acerca do primeiro trabalho na imprensa carioca de Clarice. Escreve que alguns acreditavam que a autora iniciara sua carreira em 1943, com a publicação de *Perto de um coração selvagem*, entretanto, surgiu a trilogia atualmente identificada como *Cartas a Hermengardo*, datando 1941. Ainda assim, Nunes explica que as informações não levaram em conta a trajetória de Clarice nas relações com a imprensa, principalmente por falta de interesse em mencionar a Clarice jornalista. Assim comenta:

A imprecisão de certos dados biográficos nos textos canônicos sobre a autora de *A paixão segundo G.H.*, bem como daqueles provenientes das várias entrevistas que concedeu, não permitiu localizar com exatidão os textos de Clarice no periodismo brasileiro, tampouco a vida de jornalista que teve, prevalecendo deste modo as informações registradas por [Renard] Perez. Sabemos hoje que ela, mocinha do Rio de Janeiro, consegue emprego na Agência Nacional e no jornal *A Noite*. Aliás, é como repórter de *A Noite* que Clarice, em março de 1942, recebendo 600 mil réis mensais, tem o primeiro registro na carteira de trabalho. E, em janeiro de 1944, o de jornalista, no Serviço de Identidade Profissional. Nesse período, Clarice concilia o trabalho na imprensa com os estudos na Faculdade Nacional de Direito e ainda com a escritura de sua ficção (NUNES, 2006a, p. 13-14).

O livro “Correio Feminino” (LISPECTOR, 2006), que compila algumas colunas escritas por Clarice Lispector utilizando pseudônimos, aborda temas do cotidiano que abrangem as relações de poder entre homens e mulheres, tanto na esfera privada quanto na pública, em temas como trabalho, filhos, *sex appeal*, a imagem do outro, orientações de como proceder na educação de filhos, da ordem da casa, na relação conjugal, ou seja, representações coletivas de aconselhamentos a um público específico<sup>4</sup>.

Muitos destes textos assemelharam-se aos códigos de conduta ou manuais de etiquetas tão em voga na Europa e Estados Unidos e aqui utilizados para sistematizar o comportamento da sociedade, com mediações sociais entre os papéis de mulher, esposa, mãe e trabalhadora por exemplo, ou seja, expectativas sociais em torno do comportamento feminino e masculino. Nesta

<sup>3</sup> Desenvolvimento da imprensa feminina. Essas revistas femininas não se restringem às receitas culinárias e aos moldes de costura ou tricô. Num tom amigável, mas firme, elas explicam às leitoras como se lavar e se maquiar, como cuidar da casa, seduzir o marido ou educar os filhos. Para dar um aspecto mais pessoal a essas prescrições, as revistas femininas começam a dialogar com as leitoras, oferecem-lhes pesquisas e histórias verídicas, pedindo-lhes opinião (PROST, 2009).

<sup>4</sup> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam (CHARTIER, 2002, p. 17).

perspectiva, Andréa Gonçalves (2006) afirma que Miguel do Sacramento Lopes Gama, padre pernambucano e vigoroso jornalista que atuou em mais de sete jornais, foi um severo crítico dos costumes e hábitos muito modernos, julgando-os ridículos e até irracionais. A autora demonstra com imagens e explicações a sátira, que o clérigo utilizava, comparando a moda em transformação do período com animais, vendo entre eles algumas semelhanças. Assim explica Gonçalves:

Um de seus alvos prediletos eram não apenas os modos, mas também as modas adotadas pelas mulheres, ao ponto de não esconder seus preconceitos misóginos. Os quadros quase caricaturais que compunha sobre muitas mulheres de seu tempo indicam, na “contramão”, que aquelas não seguiam, estritamente, as normas previstas nos manuais, fosse pelo figurino com o qual desfilavam no espaço público, fosse pela forma com que estabeleciam relações com o sexo oposto (GONÇALVES, 2006, p. 114).

Em distintos séculos, com autores de gêneros diferentes, tanto Clarice quanto Miguel do Sacramento Lopes Gama, edificam modelos de feminino e masculino, na relação de um com o outro, em um processo adquirido pelas pessoas no acúmulo de conhecimentos de forma casual e não intencional e organizada, adquirindo atitudes e comportamentos relacionados as suas experiências diárias, ou seja, em um processo de livre aprendizagem e transmissão de saberes e comportamentos da sociedade, podendo ser realizada nas atividades de lazer, nos veículos de informação, em um processo permanente.

A obra “Correio feminino” é uma coletânea de textos da autora que registra momentos jornalísticos publicados em três colunas femininas entre 1952 e 1961. “Entre mulheres”, coluna do tabloide Comício, publicada entre maio e setembro de 1952; “Correio feminino – feira de utilidades”, produzida entre agosto de 1959 e fevereiro de 1961, no jornal “Correio da manhã” e “Só para mulheres”, publicada entre abril de 1960 e março de 1961, para o jornal “Diário da noite”.

O uso da imprensa como fonte de informação também é tema de debate historiográfico tanto quanto o é a própria literatura. Vale lembrar algumas ideias mesmo que rapidamente.

Ciro Flamarion Cardoso cita Peter Burke, que escreve sobre as diferentes fontes empregadas pelos historiadores:

Na verdade, os historiadores sociais e econômicos estão empregando cada vez mais tipos de documentação, cuja real utilidade como evidência histórica repousa no fato de que seus compiladores não estavam deliberada e conscientemente registrando para a posteridade (CARDOSO, 1997, p. 48).

Como fonte, o texto das colunas de autoria de Clarice, não demonstram a preocupação de registro para a posteridade, senão a imbricação com o tempo presente pois pretendia “aconselhar” as mulheres de seu tempo. Ao mesmo tempo, o fato da continuidade de suas colunas nos jornais demonstra a propriedade e a aceitação das concepções que a autora dissemina e, sendo assim, servem como base para a reconstrução e análise da educação e dos costumes nas décadas e local abordados.

Como narrativa, portanto, fonte de saber, Clarice se articula com a categoria gênero, pois vincula-se a movimentos de construção de sujeitos históricos. Tais fontes sinalizam para as transformações por que passaram e como construíram práticas, silêncios e invisibilidade. Modos

educativos de relações pessoais, redes familiares, vínculos afetivos, modos e formas de comunicação, criando a condição para se decifrar as construções sociais.

Parafrazeando Simone de Beauvoir no livro já citado, não se trata de enunciar verdades eternas, mas descrever, o fundo comum, sobre o qual se desenvolve a existência feminina. Afinal, a submissão ou servidão voluntária já vem sendo estudada desde o século XVI por Etienne de La Boetie, assim como por Freud – considerado o pai da psicanálise, no século XX.

Tais fontes, portanto, são indícios (GINSZBURG, 1989) e fontes de relações de poder (FOUCAULT, 1999). Com elas percebemos fragmentos da postura de Clarice Lispector e de uma certa formação da identidade de gênero no Brasil de 1959 e 1960. O uso da fonte de imprensa, indica, conforme Andréa Lisly Gonçalves, a utilização do paradigma indiciário:

essas fontes se distribuem como um “mosaico de pequenas referências esparsas”, forçando a adoção de métodos específicos do qual talvez seja um bom exemplo o paradigma indiciário, formulado por Carlo Ginzburg, ainda que não especificamente para a história das mulheres, entre uma gama variada de opções (GONÇALVES, 2006, p. 87-88).

Ginzburg esclarece no livro “O fio e os rastros” que “o mundo privado e o mundo público acontecem paralelamente, ora se encontram” (p. 266) e que “o olhar aproximado nos permite captar algo que escapa da visão de conjunto, e vice-versa” (GINZBURG, 2007, p. 267). Reforça a ideia no livro “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história”:

Deste modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, “baixos”, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano [...] momentos em que o controle [...] ligado à tradição cultural, distendia-se para dar lugar a traços puramente individuais [...] a uma atividade inconsciente. [...] pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível (GINZBURG, 1989, p. 149-150).

Público e privado se confundem nas letras de Lispector. Clarice utiliza suas experiências e observações para escrever a fonte utilizada, vivências estas inseridas no momento histórico desejado para análise. Preocupações acerca da reputação, da maternidade, do casamento, dos ambientes “naturais” destinados para os homens e para as mulheres, problematizam o que deseja ser revelado e esclarecido através da pesquisa.

### **O uso de pseudônimos**

Clarice Lispector atuou na imprensa escrevendo para jornais e revistas. Alguns textos foram compilados na obra *Correio Feminino*, por Aparecida Maria Nunes, muitos aqui utilizados e que foram publicados entre 1959 e 1960.

A autora, entretanto, utilizou pseudônimos em suas publicações o que de certa forma, prejudicou a identificação de autoria. A razão sobre o uso de pseudônimo está longe de algum consenso. Encontramos alguns indícios da época, que mencionavam Fernando Sabino, em correspondência com Clarice Lispector discorrendo sobre a preocupação em escrever e assinar. Fernando Sabino, em 8 de agosto de 1953, aconselha Clarice, sobre a vontade da autora de escrever

acerca do *american way of life*, que a rodeia em sua vida norte-americana, para a revista brasileira *Manchete*. Disse ele:

Escreva duas páginas e meia a três páginas tamanho ofício sobre qualquer coisa, semanalmente. Tem que ser assinado, mas não tem importância, nós todos perdemos a vergonha e estamos assinando [...]. Não se incomode muito com a qualidade *literária* por ser assinado – um título qualquer como Bilhete Americano, Carta da América ou coisa parecida se encarregará de dar caráter de seção e portanto sem responsabilidade literária (LISPECTOR, 2006, p. 95-96).

Clarice lhe responde em 30 de agosto de 1953:

Fico muito sem jeito de assinar, não pelo nome ligado à literatura, mas pelo nome ligado a mim mesma: terei pelo menos num longo começo, a impressão de estar presente em pessoa, lendo minhas noticiinhas e provavelmente gaga de encabulamento. É mesmo possível ressuscitar Tereza Quadros? Ela é muito melhor do que eu, sinceramente: a revista ganharia muito mais com ela – ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim. Se for mesmo impossível, tentarei assinar e tentarei um “à vontade” quase insultuoso (LISPECTOR, 2006, p. 97).

Tereza Quadros, criação de Clarice para assinar “Entre mulheres”, é vista por Aparecida Maria Nunes, como uma fuga ao temor de Clarice de “comprometer seu nome mediante a produção de textos menos elaborados para jornais e afetar a imagem de esposa de diplomata” (NUNES, 2006b, p. 36), já que a autora “sabia também que tinha de manejar uma linguagem mais despojada e adotar um discurso calcado na estética da imprensa feminina, construída no tom de conversa íntima, afetiva e persuasiva” (p. 32). Fernando Sabino, respondendo a amiga sobre assinar como Tereza Quadros, escreve:

Antes de mais nada: estou meio sem jeito de dizer a eles (Manchete) que você não quer assinar, por duas razões: primeiro, porque, a despeito da elevada estima e distinta consideração que eles têm pela formosa Tereza Quadros, sei que fazem questão de seu nome – e foi nessa base que se conversou; não sei se você sabe que tem um nome. E segundo, porque acho que você deve assinar o que escrever; como exercício de humildade é muito bom. E depois, você leva a vantagem de estar enviando correspondência do estrangeiro, o que sempre exime muito a pessoa de responsabilidade propriamente literária (LISPECTOR, 2006, p. 101).

Ainda assim, Clarice demonstra preocupação literária e insiste em assinar apenas com as iniciais do seu nome: C.L. Este diálogo entre Sabino e Clarice é um indicio de muitos significados para compreensão do imaginário social mais amplo e da própria imprensa em específico. Há a tensão da mulher mãe e esposa; está presente a preocupação com a emancipação que poderia representar a esposa do diplomata. Mas há também a conquista, de um espaço de trabalho e de criação, que ela, Clarice, ganhava na imprensa. Mesmo assim, ela optou pelo “anonimato”.

A seguir, a descrição de alguns textos de autoria de Clarice Lispector e ou seus pseudônimos.



## Correio feminino

Os temas que tomam conta dos textos remetem a construção da confiança no cônjuge, no interesse por seu trabalho, sobre manter a casa limpa e apresentar refeições agradáveis e gostosas, mas também em saber conversar sobre outras coisas, como a culinária:

As mulheres têm e deverão ter grande influência na vida do marido. Há um ditado antigo e pouco original que diz que “A mulher faz o homem”. Nada mais verdadeiro, pois a esposa, com seu amor e capacidade de organização, pode ajudar o marido a subir na vida, fazendo com que ele ganhe mais confiança em si.

Uma mulher que recebe o chefe do lar com um ar cansado, e desafiando a ele um rosário de lamúrias sobre seus problemas caseiros, brigas com as empregadas e as malcriações dos filhos, tal atmosfera, os aborrecimentos que o marido talvez traga da rua, suas preocupações, seus problemas, não encontram uma válvula de escape e aumentam, tornando-o mal-humorado, nervoso e pouco apto para resolver as situações que o aguardam no dia seguinte (CLARICE, 2006, p. 88).

Agradar seu cônjuge, saber ouvir, dosar as palavras, ser tolerante, incentivá-lo ao crescimento pessoal e financeiro são participações femininas na coesão do lar. Ainda mais: ocupar-se com os afazeres domésticos, fazendo daquele espaço agradável aos olhos do marido e dos filhos, de forma inteligente. É dessa forma que Clarice pauta um diferencial substancial, entre vida privada e vida pública, ressaltando o lar como este lugar de aconchego e reprodução. De um modo de ser e estar da vida privada:

A dona de casa tem que ser, antes de tudo, uma economista, uma “equilibrista” das finanças, principalmente com as dificuldades da vida atual. O lar é o lugar onde devemos encontrar a nossa paz de espírito num ambiente limpo, sadio e agradável e cabe à mulher providenciar isso. Muitas erram ao fazer de sua casa uma vitrina permanente, onde não há liberdade para o marido fumar o seu cachimbo, para o filhinho brincar. Essas, geralmente, fazem da vida do lar um inferno e quase sempre obrigam o marido a ir procurar conforto e bem-estar noutro lugar, quando não nos braços de outra mulher (LISPECTOR, 2006, p. 45).

Faz parte, dos deveres de dona de casa, construir um ambiente de conciliação, limpeza – mas não uma prisão, cheia de regras, que beneficiam apenas a si mesma. A boa mãe, a esposa compreensiva procura não induzir o adultério do marido por fazê-lo infeliz, então evita reclamações e assume o lar como um local de exercício de seu poder. E, para cumprir o propósito de ser economista, acrescenta às leitoras:

Você precisa saber do preço dos gêneros (alimentícios). E do gás e da eletricidade. E você mesma é quem deve determinar, em linhas gerais, o cardápio da semana: a família terá refeições bem equilibradas sob o ponto de vista de nutrição, e sem desperdícios (LISPECTOR, 2006, p. 69).

Comprar com consciência de estar pagando um preço justo, evitar desperdícios, organizar um cardápio equilibrado e balanceado, ater-se ao uso apropriado do gás e da eletricidade, sem exageros. Mesmo assim, Clarice afirma que “As mulheres gastam demais!”, e atenua, aconselhando:

Os maridos costumam reclamar contra esse desejo de gastar, que é tão próprio do sexo feminino e que acarreta tantos prejuízos para a família. No entanto, se atentarmos bem, as mulheres não gastam tanto assim e, se o fazem, é por

necessidade. As aspirações de toda a família encontram eco no coração solícito da mãe extremada (LISPECTOR, 2006, p. 77).

Que as mulheres consigam, dentro de seus afazeres indispensáveis, manter o foco no que é realmente significativo, abstando-se de gastos individuais, considerados egoístas e prejudiciais à família. Elas devem fazer de tudo para manter o bem-estar da prole e do marido.

Responsável pelo engajamento do lar, a mulher não deve acarretar prejuízos para a família, lidando de maneira inteligente, abnegada e adequada aos recursos disponíveis. Clarice reproduz nas colunas o rígido padrão de comportamento familiar, com funções definidas pelo imaginário do período, mesmo que justificado pela necessidade cotidiana, de ser mãe e esposa, ou seja, se dedicar aos filhos e ao marido muito amor, muita atenção e tolerância, já que os erros de comportamento, em ambos os casos, são resultado das escolhas femininas em relação à consonância familiar.

Se o seu filho é um problema,

A culpa, minha amiga, é o método de educação que você está empregando. É preciso compreender o seu filho. E o caminho principal para chegar a essa compreensão é o amor. Amar seu filho, porém, não é absorvê-lo, dominá-lo, moldá-lo às ideias [sic] e objetivos dos pais. Esse erro, muito comum entre pais que desejam ver seus filhos vitoriosos, provoca na criança ou no adolescente a reação para fugir à sufocante atmosfera do lar (LISPECTOR, 2006, p. 66).

A função materna fundada no amor exige subserviência. A esposa, unida ao esposo, possui no amor<sup>5</sup> o instrumento procriador, dando aos pósteros o papel primordial no ceio familiar. Em nome desse amor<sup>6</sup>, a mulher deve cumprir sua obrigação de praticar a renúncia, de dialogar com os filhos, fumegar neles o senso de responsabilidade, tendo como gratificação a realização pessoal de seus descendentes.

O aconselhamento intermedeia um senso de submissão e de controle. Ao mesmo tempo em que Clarice sugere a submissão ela constrói a imagem do outro, o homem, como um ser animalesco: não é afetivo, é insensível, não compreende, não perdoa e não tem instinto de conservação do grupo; já estas são qualidades femininas. Propõe então um poder dúbio: bela, submissa e poderosa. Reforça, portanto, que o espaço privado e de forma privada, se exerce o controle sobre o masculino.

Mas lembremos: Clarice não é inovadora neste aspecto. Há narrativas advindas da religião, da sociologia, da economia, da medicina e da política do Estado confirmando a nuclearidade social do modelo de família. Alcir Lenharo (1989) muito bem demonstrou o nexos entre as leis trabalhista, o discurso sindical e remuneração na sociedade dos anos 1940. É neste imaginário social e seu pertencimento de *status* social, que o pensamento de Clarice se desenrola.

Neste contexto, o compromisso feminino – este ser afetivo e predisposto ao perdão – era de manter a qualquer custo o casamento. Isso incluía desconsiderar o adultério masculino, ausentar-se

---

<sup>5</sup> A reformulação da vida do casal deu-se a partir da nova conceituação imposta ao homem e à mulher pela higiene. Segundo Costa, “o amor servia aqui de traço de separação entre o homem e a mulher. Funcionava como referência para a construção dos modelos de conduta social masculina e feminina” (COSTA, 2004, p. 234).

<sup>6</sup> Segundo Prost, considerava-se que os filhos, para serem bem-criados, precisam não só do amor dos pais, mas também do amor entre os pais. “O termo ‘casal’ passa a ser utilizado em expressões como ‘vida de casal’, ‘problemas de casal’. Em suma, agora o amor ocupa um lugar central no casamento: é o seu próprio fundamento” (PROST, 2009, p. 62).

de queixas, submeter-se às ideias do marido para evitar brigas, cumprir as obrigações matrimoniais de esposa, mãe e rainha do lar. Assim, aconselha a que o conflito colocaria em risco do casamento, a fúria e o descontentamento do consorte podendo resultar no desquite<sup>7</sup>, ou seja, na dissolução dos costumes e da família nuclear, provocando a reprovação social, já que romperia com a solidez da família.

Clarice reafirma não só os papéis prescritos para a dona de casa e mãe de família ideal como também, no contraponto, descreve os papéis do homem ideal. Assim o descreve:

De acordo com a opinião das moças, um marido deverá ser carinhoso e fiel. Esses são os principais atributos. Deverá ser também trabalhador, preferindo umas, depois dessa qualidade, que o marido em apreço seja ambicioso. Outras preferem que além de trabalhador seja pacato, amante do lar (LISPECTOR, 2006, p. 76).

Casar era formar uma dupla. Há na autora uma clara percepção do panorama do seu tempo presente: relacionamentos em que o patriarca era social e maritalmente colocado no centro das relações. Mas reconhecia, ao mesmo tempo – possivelmente pela sua sensibilidade de autora – que este perfil deveria ser agregado a outras qualidades, que este patriarca deveria ter, mesmo que fosse apenas para cumprir com este papel social.

Para isso, eram balanceadas as preocupações acerca das escolhas, estas com menor interferência familiar, ou seja, mais individual. Para a felicidade conjugal, eram importantes a fidelidade, a divisão das preocupações, e em menor quantidade, a aparência:

Um homem tipo galã está sempre cercado de admiração feminina, e a admiração vai a tal ponto que muitas mulheres chegam a desprezar o fato de o homem ser comprometido.

Se, de um lado, uma esposa casada com um homem bonito tem um justificado orgulho de ser acompanhada por ele e receber seu amor, por outro lado, viverá sempre em constantes sobressaltos, porque sabe que seu marido é terrivelmente cobiçado. Em compensação a esposa de um homem feio, sem ter a seu lado um galã, que atrai a atenção de todas as mulheres com quem cruza, terá uma vida mais tranquila e sem apreensões, pois sabe que seu marido quase passa despercebido (LISPECTOR, 2006, p. 82).

Para se casar, o par deveria sentir que possivelmente se entenderia, que combinaria. Assim, ao selecionar os candidatos para matrimônio, a colunista elenca características essenciais: considera importante o homem carinhoso, leal, trabalhador, posto que as mulheres desejam um novo lar sobre o qual prolongar e fazer valer sua existência. No que tange aos aspectos físicos, que o homem seja belo não é prioridade, porque sua aparência atrai a concorrência, interferindo na estabilidade, na tranquilidade do matrimônio. Apenas as jovens ingênuas se deixam iludir e apaixonar por este modelo, que ao cativar tanta admiração feminina, é visto como vítima, reduzido a um papel fragilizado em meio à perseguição do sexo oposto. É preferível, então, o marido desprovido ou com pouca beleza, para evitar concorrência, já que as mulheres, conceituadas como desprovidas de moral, quando encantadas pela beleza masculina, não são capazes de respeitar o casamento alheio.

---

<sup>7</sup> Em, 1942, foi introduzido no Código Civil o artigo 315, estabeleceu a separação sem dissolução de vínculo, ou seja, o desquite. Ainda nesse ano, a lei n. 6015, de 30 de julho de 1942, regulamentou a anulação do casamento (BERQUÓ, 1998).

Quem eram essas mulheres divergentes? Como eram classificadas? Margaret Rago (1991), deu algumas indicações, centradas sobretudo no desconhecimento da sua própria sexualidade, de seu poder de sedução, de suas próprias habilidades. Segunda a autora:

A presença feminina no cenário urbano incomodava de várias maneiras; seja como trabalhadora, seja como prostituta; fumando ou usando roupas mais curtas. Desconhecida, a sexualidade feminina se tornava um grande medo e uma atração. Daí o enorme interesse em torno do desvendamento do corpo da mulher, desde meados do século passado, tanto pelos saberes científicos, quanto pelas artes. Como ameaça sexual, é visível a irritação provocada pelas prostitutas, quando abordavam diretamente os homens. Medo? Segundo nosso código moral, ao sexo forte cabia a iniciativa de aproximação sexual, segundo um modelo masculino que valoriza a virilidade, os pelos, a coragem e a força (RAGO, 1991, p. 122).

Tempo e espaço do imaginário social enraizado em diversas instâncias de saber. Saberes esses, que produziam o desconhecimento e o medo. Em um cenário negativo sobre papéis sociais desempenhados por mulheres: prostitutas, concubinas, mulheres que rompiam com os padrões de conduta estabelecidos, trabalhadoras, públicas, adúlteras, de sexualidade aflorada, ninfomaníacas que acabavam em hospícios, que mantinham seu corpo à mostra, despudoradas, perseguidas, estigmatizadas. Basicamente, eram uma ameaça.

E como deveria, então, proceder uma mulher adequada? De acordo com Clarice, a “mulher inteligente procura, portanto, a discricção como regra básica de toda a sua vida<sup>8</sup>. Discricção no vestir-se, no maquilar-se, nos gestos, na voz e até mesmo nas opiniões”, evitando, tanto ofuscar o cônjuge, quanto parecer vulgar, já que “Chamar a atenção não é a finalidade de uma mulher elegante e inteligente” (LISPECTOR, 2006, p. 17). Inteligência vira sinônimo de recato ao se tratar da mulher.

Esta reação de Clarice talvez encontre vazão no cotidiano urbano vivido em São Paulo neste período. Havia de fato uma grande expectativa em relação à emancipação feminina, que poderia transformar a mulher em “concorrente do homem”<sup>9</sup>, abandonando a ideia do casamento, do matrimônio, para estudar, para trabalhar, desenvolvendo uma sexualidade desenfreada, participando da esfera pública, local considerado naturalmente masculino. No mercado de trabalho, por exemplo, como demarcou Alcir Lenharo (1989), os trabalhadores homens não queriam suas esposas nos espaços da construção civil, um trabalho duro, ao mesmo tempo em que tinham clareza da baixa qualificação física e da conseqüente baixa remuneração (LENHARO, 1989).

A mulher operária não era o alvo das colunas escrita por Clarice. Elas apareciam apenas como contraponto, para negar, comparar, ridicularizar e afirmar o papel da mulher com *status* de elite social. Por isso, alegou-se que as mulheres que agem de forma inadequada não interpretam corretamente a modernidade, pois abrem mão de sua feminilidade e não são consideradas inteligentes e elegantes.

<sup>8</sup> No cabaré, os corpos femininos brilham através dos artifícios que os ornamentam: joias, colares, pulseiras, brincos, que atestam o *status* da cortesã. Roupas brilhantes, escarlates, coloridas, negras, justas, colantes, vistosas, decotadas, insinuantes, realçando as formas físicas bem conformadas (RAGO, 1991, p. 195).

<sup>9</sup> A urbanização insuflou este movimento promovendo a mulher em vários sentidos. Concedeu-lhe, por exemplo, a maioria enquanto consumidora de artigos industrializados. Habitua-a ao gosto mais refinado do comércio e da moda europeia. Em seguida, levou-a do requinte do corpo ao requinte do espírito. A mulher instruiu-se e cultivou-se. Passou a ler mais. Sobretudo novelas e romances, onde encontrava frequentemente [sic] opiniões favoráveis à emancipação feminina. O desenvolvimento econômico, alterando as regras de sociabilidade, conferiu-lhe um papel decisivo na promoção social do marido (COSTA, 2004, p. 258).

Muitas de vocês, leitoras, hão de conhecer esse tipo feminino, infelizmente hoje não tão raro quanto seria de desejar: a mulher de gestos exagerados, palavras livres e atitudes deselegantes. Interpretando mal a independência da mulher moderna, ela fuma como um homem, em público, cruza as pernas com uma desenvoltura chocante, solta gargalhadas escandalosas, bebe com exagero, usa gíria de mau gosto, palavreado grosseiro quando não se desmoraliza repetindo palavões. -A transformação causada pelos tempos, pela instrução, pela vida moderna, está mais na mentalidade, na cultura, nas ideias, em si, que nas exteriorizações ridículas de um feminismo caolho. A mulher continua mulher, motivo de encantamento e inspiração para o homem, ideal de pureza e doçura para o filho, e deve proceder sempre como tal. Os homens adoram a mulher bem feminina (LISPECTOR, 2006, p. 30).

No cenário em que vive, Clarice demonstra que se confronta com um outro sujeito social que emerge das relações históricas. Uma emancipação e empoderamento social; outras personalidades. Ela, no entanto, reprova-as para o seu público leitor. As mulheres públicas, maquiavam-se de forma mais desnatural, utilizavam joias em excesso, seduziam e inseriam gírias ao palavreado, fumavam. Entretanto, para a higiene científica, que ganha ares de higiene de costumes, de tradição, a mulher para casar continuava sendo a mãe e esposa, discreta, feminina, mas também bonita e interessante. João Manuel Cardoso de Mello (1998), ao demonstrar a relação desta mulher moderna e da mulher recatada, menciona a coação social do tempo de Clarice:

Mas, para casar, agia diferente: procurava uma moça virgem, prendada, discreta, paciente, não muito ciumenta, capaz de ser boa mãe, boa dona de casa, boa esposa. Mas este ideal, ao menos em algumas camadas da sociedade, já estava se alterando: a beleza, o charme, “ter assunto”, “saber conversar”, passavam a contar cada vez mais (MELLO, 1998, p. 612).

Porém, para o público de Clarice, passava a contar cada vez menos. Pois, “os homens adoram a mulher bem feminina” (LISPECTOR, 2006, p. 36). Ademais, elas deviam evitar “a mania de estar sempre comendo alguma coisa”, já que resulta em “gordurinhas supérfluas”<sup>10</sup>, podendo causar o desinteresse de seu galanteador, que passaria a dar atenção à outras pretendentes. Caberia a elas abandonar “a mania de ser vítima que tem algumas mulheres. Queixam-se dos filhos, do marido, dos parentes, do ar que respiram” (LISPECTOR, 2006, p. 23), porque o “mau humor, o sentimento de frustração, e a amargura marcam a fisionomia, apagam o brilho dos olhos, cavam sulcos na face mais jovem, enfeiam qualquer rosto [...], homens detestam a mulher sempre irritada” (LISPECTOR, 2006, p. 17)<sup>11</sup>. E conclui: “uma coisa é certa: nós, mulheres desejamos e temos o dever de agradar aos homens. Ou, pelo menos, ao homem que amamos, não é verdade?” (LISPECTOR, 2006, p. 24).

Todavia, a modernidade trazia algo de bom para esta mulher, ser público. Os cosméticos e os eletrodomésticos entravam na ordem do dia. Neste sentido, aconselhava-se que as moças de aparência desagradável poderiam recorrer à “cirurgia plástica [que] consegue corrigir a maior parte

<sup>10</sup> Cuidar do corpo é prepará-lo para ser mostrado. Não basta mostrar os enfeites, as joias, os ornatos. De fato, o corpo se tornou o lugar da identidade pessoal. Sentir vergonha do próprio corpo seria sentir vergonha de si mesmo (PROST, 2009).

<sup>11</sup> A mulher nervosa foi, em parte, uma criação médica. Servindo-se dela, a higiene implantou-se na família. Solicitada em sua versão sexual para combater pais e maridos e em sua versão mundana para dedicar-se aos filhos, a mulher nervosa ensinou a mulher a utilizar o nervosismo para impor seus interesses. O nervosismo passou a ser simulado ou sentido sempre que a mulher pretendia opor-se ao homem ou obter dele concessões sexuais (COSTA, 2004, p. 272).

dos defeitos e os cosméticos apropriados são capazes de esconder cicatrizes no rosto e outras deformações”, mesmo porque a “maior parte dos problemas de personalidade desaparecem com a melhora da aparência geral” (LISPECTOR, 2006, p. 19). Dessa forma, reitera a autora, assim como Mello (1998), sobre o ato de ocupar-se com sua aparência, sendo feliz para ser bonita e alcançar a finalidade primordial de agradar o cônjuge ou um futuro candidato ao cargo, o provedor, principalmente sem ofuscá-lo.

Como modernidade moderada colocava também a leitura.

Nós, mulheres, principalmente, que sabemos encontrar tempo para tantas coisas, devemos arranjar uns minutos diários para a leitura. Não é necessária a leitura prolongada, nem são precisos os livros complicados. Coisa leve, variada, que nos dê uma visão rápida do mundo em que estamos e do que acontece nele, no campo das ciências, das artes, da política e... dos “disse-me-disse” (LISPECTOR, 2006, p. 44).

Outro mito forte que repercutiu nos textos de Clarice, foi o da maternidade. Para além das obrigações com a aparência, o comportamento, os cuidados domésticos havia ainda o cuidado com a prole;

Uma verdadeira mulher e mãe sabe que seus deveres vão além de alimentar, enfeitar e agasalhar o seu filho. Antes de tudo, deve dar-lhe amor. Amor que é devoção, cuidado, orientação e, sobretudo, participação em seus problemas e suas dificuldades. Toda mãe deve conhecer o filho que trouxe ao mundo, e isso consegue chegando-se a ele, ouvindo-lhe as primeiras queixas e os primeiros desejos. Minha amiga, a primeira qualidade para uma mulher ser Mulher é saber ser Mãe. Não se descuide desse dever. Não seja o monstro responsável pelas futuras falhas de seu filho, deixando-o levemente crescer longe de seus olhos e de seus carinhos (LISPECTOR, 2006, p. 33).

A maternidade no ideário de Clarice tem função fundamental. De um lado ela realizaria a própria existência do ser feminino, por outro, possibilitaria realizar a incumbência social de gerar filhos saudáveis. Tendo a opção de relegar seu desígnio de mãe às empregadas domésticas, comprometeria o futuro dos filhos, já que ao pai cabia trabalhar (para honrar a prole ao investir em sua saúde e educação), ser honesto (para dar exemplo) fiscalizar os filhos e poupar (pelo futuro dos mesmos), no encargo masculino de cidadão varão.

Tal função, no entanto, devia ser desempenhada sem que se comprometesse a qualidade de mulher sedutora. A maternidade – que transformaria a mulher em mãe – jamais deveria significar desleixo com a aparência e modo de ser na sociedade e no casamento:

Julgar que porque casou com ele está dispensada de seduzi-lo é outro grave erro. O homem é volúvel. Sua busca da “mulher ideal” é apenas uma forma romântica com que encobre essa volubilidade, e geralmente envelhecem sem descobrir realmente o que querem da mulher. Só sabem que a querem. Sempre bonita e renovada, se possível. A faceirice é, portanto, obrigação para a mulher. Nem a mulher de negócios, nem a cientista, nem a mulher de letras, nem a esportista dispensam esse dever primordial para a conquista do homem [...]. Façamos, portanto, por conquistá-los (LISPECTOR, 2006, p. 15).

Mesmo as mulheres que adquirissem interesses que extrapolassem a maternidade e os afazeres domésticos deveriam sempre se lembrar de jamais estar em débito com essas prioridades. Enfim, cuidar de si, ser sedutora, uma rainha no espaço privado, e bela.

### Considerações finais

Expomos uma faceta de Clarice Lispector pouco conhecida do público leitor atual; revelados a partir de alguns textos publicados em editoriais e revistas, de 1959 e 1960, eles mostram uma outra face da autora de muitas obras literárias consideradas clássicos da Literatura Brasileira.

A compreensão dos sentidos das narrativas, aqui apresentadas, são possíveis se levarmos em consideração o período histórico de imersão da autora, anos 1960. Pois, conforme Margareth Rago (1991), a teoria da diferença biológica dos sexos foi utilizada de maneira extremamente conservadora, para justificar tanto a opressão machista sobre a mulher, quanto a sua exclusão do campo da vida pública, num momento em que estava em jogo o debate sobre os direitos de cidadania na sociedade brasileira (RAGO, 1991, p. 162). Clarice vive sua biografia de mulher – jornalista – no Brasil – num momento em que o jornalismo tinha um público específico e reduzido. Esta profissão era, também, predominantemente, de domínio do sexo masculino.

Neste tempo, da autora diante de seu público feminino, utiliza-se dos mitos para se fazer presente no imaginário feminino. O ser mulher e mãe, a administração do lar, a educação dos filhos são iluminados por eles, segundo seus textos.

Metodologicamente, a produção destes textos para colunas de jornais possibilita-nos encontrar raízes, histórias micro, como laços que se interligam em um imaginário mais amplos, ancorados em discursos mais profundos da ciência e da família, como uma célula capaz de manter a realidade, do pós-guerra, no Brasil e fora dele. Estes textos, viabilizados pela imprensa, circulavam por entre um grupo elitizado de pessoas que compunham esta comunidade de leitores e que tematizavam a relação não conflituosa dos papéis sociais.

### Referências

- BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1960.
- BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 411-438.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 1-27.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1989.

LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*/ Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MATOS, Maria Izilda. *Por uma história da mulher*. Bauru: EDUSC, 2000.

MELLO, João Manuel Cardoso de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna, no livro *História da vida privada no Brasil*. In: NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1998, p. 569-658.

NUNES, Aparecida Maria. *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006a.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista*. São Paulo: Editora Senac, 2006b.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil* São Paulo: Contexto, 2012.

POCHMANN, Marcio. *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo, 2001.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, George. *História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 85-86.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio (Orgs.). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. *Revista Estudos Feministas*. v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. *Tecnologias do imaginário*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Recebido em: ago. 2017.

Aceito em: fev. 2018.

---

*José Carlos dos Santos*: Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professor do Programa Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras. E-mail: professor-jose-carlos@hotmail.com

*Kaona Sopelsa*: Doutoranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. Mestre em Educação pela Universidade do Oeste do Paraná. E-mail: kaoanasopelsa@hotmail.com